

TRADIÇÃO

Publicação aos sabados

(Tiragem: 1.000 exem.)

Por Deus, Patria e Rei

Composto e impresso na TIPOGRAFIA DE O POVEIRO
Largo Fca de Queiroz—Povoa de Varzim

DIRECTOR E EDITOR: LEAL CAMPAIO
Administrador: Antonio Ribeiro Pontes

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Praça do Almada n.º 50-A — Povoa de Varzim

DR. CAETANO MARQUES D'OLIVEIRA

“A historia dos grandes homens deve começar a escrever-se á luz da lampada dos seus tumulos.”

Assim o deixou escrito um grande genio e grande desventurado, que foi no mundo Camilo Castelo Branco.

Acceptando o pensamento do Mestre não posso deixar de registar na «Tradição», embora a angustia do coração me tenha emparanhado o fio do pensamento, a expressão da minha imensa saudade, o preito da minha enorme veneração pelo grande amigo cuja vida se acaba de extinguir.

Na limitada esfera d'acção que a Povoia proporciona aos seus filhos que n'ela querem viver até á morte, o dr. Caetano d'Oliveira adquiriu direitos exuberantes no titulo entre todos honroso de — GRANDE POVEIRO.

—Grande pela nobreza dos seus sentimentos,—grande pelas energias inexgotáveis da sua alma,—grande pelas benemerencias da sua vida.

Os primores de sentimentos que lhe borbulhavam n'alma, ele, os patenteou em todos os aspectos da sua personalidade.

Como marido e como paiz o dr. Caetano d'Oliveira pode ser apontado como modelo. Quem poderia contar os extremos de carinho por ele dedicados durante tantos anos á bondosa companheira do seu lar?

Com que cuidados ele presidiu á educação de seu filho, que hoje, pela sciencia e pelo caracter, ele apontava com razão como a sua melhor obra, e o mais justo titulo do seu orgulho!

N'aquella casa onde fundou o seu lar, o dr. Caetano d'Oliveira erigiu o templo onde tiveram culto ininterruptamente durante longos anos os mais alevantados sentimentos que o coração humano pode abrigar.

Fora das quatro paredes do seu lar a sua personalidade avultou com a mesma superioridade moral.

Era como um autentico valor que o dr. Caetano d'Oliveira se impunha na sociedade em que vivemos.

Sabia ser amigo como ninguém. A sua convivencia produzia sempre n'aquelles que d'ele se aproximavam efeitos consoladores,—sabia despertar, nos animos mais alquebrados, energias desconhecidas e de que ninguém sequer suspeitava.

Mais do que uma vez, a Povoia quando precisava d'alguem que lhe fizesse as honras da casa, recorreu ao seu prestigio, e nunca as suas esperanças deixaram de ser confirmadas

explendorosamente pelos factos.

No salão onde estivesse, era ele quem prendia as atenções de todos,—ele que dirigia as conversas,—ele que superintendia na organização dos serviços,—ele que provocava a curiosidade geral com a originalidade dos seus pontos de vista e a graça scintillante dos seus ditos.

Vejado como poucos, com o enorme cabedal de conhecimentos que lhe fornecia o seu espirito de observação, sempre vigilante e arguto, ninguém conseguia aquilvar-se á força de suggestão que irradiava do seu olhar sempre leal e calmo, da sua palavra sempre eloquente e instructiva, e no seu incitamento provocado sempre pelas grandes empresas d'interesse colectivo.

Mas o dr. Caetano d'Oliveira não foi somente o chefe de familia exemplar, e o charmer inexcidível nos pontos de reunião da nossa terra.

A sua vida social foi fecunda, e enormes os serviços que prestou, como enorme foi o amor que á sua Povoia dedicou atravez de toda a sua vida.

MEDICO, ele não cerrou a intelligencia á luz bendita do estudo, logo que terminou a sua formatura. Pelo contrario, toda a sua vida foi uma applicação continua, acompanhando com o entusiasmo d'um rapaz todos os progressos da sciencia, e não contente em ler nas revistas da especialidade, e nos grandes e modernos tratados, as lições dos grandes mestres,—empenhava-se em assistir aos congressos internacionais, registando os casos mais interessantes da sua clinica, e ensaiando nas devidas oportunidades os novos methodos da arte de curar.

Porem se o dr. Caetano d'Oliveira dedicava á medicina todas as energias da sua alma, foi para obrigar per sua vez essa sciencia a servir aos mais nobres impulsos do seu generosissimo coração.

A pobreza tinha n'ele um verdadeiro culto.—São inumeros os rasgos admiráveis de dedicacão aos desherdados da fortuna.

Medico do nosso Hospital, recebendo um honorario insignificante, era assiduo, matematicamente pontual na visita diaria á sua enfermaria, e quantas vezes lutou com as mesmas d'esse estabelecimento de cari-

dade, que, por falta de recursos, procuravam obstar á entrada de qual quer enfermo desamparado!

Quem poderia agora enumerar os actos de benemerencia por ele espalhados ás mãos cheias pelos tugúrios das nossas ruas?

Ninguém como elle conhecia as misérias d'esse arrabal de mendigos, que continua a ser, infelizmente esta terra!

Que o diga essa precisão de gente humilde a cada momento encarreirada para a sua



Dr. Caetano Marques d'Oliveira

casa logo que a noticia da sua morte se espalhou,—as orações angustiadadas com que lhe orvalhavam o cadaver,—esse empenho em ver pela ultima vez a face d'aquelle que noite e dia estava sempre pronto a abandonar a casa e a ir valer-lhes nas suas aflições, dispensando-lhes, não raro, gratuitamente os seus serviços, ao mesmo tempo lhes facilitando os meios d'adquirir remedios e alimentacão.

Esta consagração popular, tão rara nos tempos d'oje, era o atestado publico e inofismavel de que o dr. Caetano d'Oliveira não tinha transformado o seu consultorio n'um simples balcão,—não rebaixara a sciencia industrialisando-a,—e bem pelo contrario tinha o alto conceito da razão social da medicina,—e exercia a sua nobre profissão como um verdadeiro e sublime apostolado.

Oxalá que os pobres da Povoia não venham a sentir cada vez mais a sua falta.

Eram estas grandes sentimentos altruistas que levavam o dr. Caetano d'Oliveira a não recusar o seu concurso a todos os empreendimentos d'onde o seu espirito progressivo presentia advir algum proveito á sua terra.

Quando a pavorosa catástrofe de 27 de fevereiro de 1892 encheu de lagrimas e de luto tantas casas nestas encantadoras Povoas, e deu ensejo ao gesto magnanimamente altruista de Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amelia, provocando em todo o paiz a creação de

Instituto de Socorros a Naufragos, logo o dr. Caetano d'Oliveira se lançou na refrega para que os nossos pescadores partilhassem dos beneficios do novo Instituto,—e, amigo intimo, como era, do almirante Hyaçico de Brion, que o dirigia, não descaçou enquanto não conseguiu para os seus patrioticos favores importantissimos.

—Anos depois, cramos que em 1896 ou 1897, começaram os arrastões a assolar a nossa costa, com uma terrivel concurrencia para a classe piscatoria, e foi então que um estriidente grito de protesto se ouviu partindo de todos os poveiros, aparecendo, como sempre, a frente o dr. Caetano d'Oliveira, como amigo dedicado que sempre foi dos valentes e astemidos pescadores da terra que lhe foi berço.

Uma grande comissão se organisou, deia fazendo parte entre outros Antonio Pereira Rajão Vigo, José Martins de Faria, Miguel Antonio d'Almeida Braga, Nuno Baptista Carneiro, Joaquim Martins da Costa, tendo á sua frente, como presidente, o dr. Caetano d'Oliveira, que a acompanhou, e a muitos poveiros no seu caracteristico trajo de crepe branco com cabosões vermelhos, á presença do infortunado Rei Senhor Dom Carlos, d'ele implorendo protecção para os desventurados pescadores poveiros.

Foi então que Sua Magestade El-Rei, num gesto de carinhosa bondade, assegurando já da justiça que lhes assistia, lhes prometeu toda a sua protecção, ao mesmo tempo que Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amelia, sempre pronta a minorar as desgraças dos seus subditos, ao Conselho Campos Henrique recomendava em tom de grande interesse o futuro dos que sob o seu manto real se acolhiam.

Pouco tempo decorrido, os arrastões terminavam e a pescaria da Povoia teve uma aura de felicidade, para a qual muito concorreu o dr. Caetano d'Oliveira.

—Foi ainda ele quem, no Congresso de Pescarias em Viana do Castelo, com os illustres poveiros dr. David José Alves e Antonio Francisco dos Santos Graça, defendeu acaloradamente os interesses dos pescadores poveiros, air-vaz e com desprezo de todos os insuítos que em pleno congresso foram proferidos.

Contra tudo lutou, só cuidando do interesse da sua Povoia querida. Como homem que conhecia o seu tempo e os beneficios do sindicalismo, o dr. Caetano d'Oliveira, logo depois do formado, advogou a formação duma associação de classe, onde se tratasse todos os assuntos de interesse para a sua terra. Dessa campanha saiu a Associação Commercial, de que ele foi o fundador e primeiro

presidente, e que depois fez progredir, promovendo festas e conferencias, onde a sua palavra facil, eloquente e suggestiva era sempre ouvida com o maior agrado.

—Conhecendo o valor que a facilidade de comunicacões tem no progresso dos povos, o dr. Caetano d'Oliveira exerceu uma actividade enorme no desenvolvimento do nosso caminho de ferro,—e ainda é cedo para bem se poder avaliar devidamente e soma de esforços que ele dispendeu para os melhoramentos projectados e em via de execucao na nossa linha.

Isto que fica dito bastava para justificar avantejadamente o direito que o illustre morto tem á consagração dos seus conterraneos, e dos seus amigos e admiradores.

Mas não é tudo.

Como cidadão que conhece os deveres impostos pela cultura e pelo amor á terra natal, o dr. Caetano d'Oliveira não se esquivou, como tantos egoistas dignos da mais rigorosa censura, a colaborar na vida politica da Povoia.—Pelo contrario, desde que se convencia de assim o exigir o interesse colectivo, aceitava de bom grado esse excesso de trabalho, que lhe traziam os caros publicos para que a sua actividade, o seu talento, o seu saber, a sua energia eram solicitados.

Quando esse chefe involudavel que era o dr. David José Alves empreendeu modernisar a Povoia, transformando-a, e fazendo-a surgir, num arranco maravilhoso, da apatia em que desde o benemerito poveiro Pereira Azurar dormia para o nivel das povoações progressivas e modelares, etc, que conhecia como ninguém os homens, foi chamar ao seu consultorio, á sua vida profissional, o dr. Caetano d'Oliveira, confiando-lhe a presidencia do municipio.

E o que foi a acção do dr. Caetano d'Oliveira nesse cargo, todos conhecem, e os factos o demonstram.

Nunca o dr. David Alves teve colaborador mais leal e mais valioso na realisacão dos seus planos de renovação.

A abertura da Avenida Mousinho d'Albuquerque, a transformação radical do Paseio Alegre e da rua dos Danhos, obras arrojadas, contra as quais se opunham tantos interesses creados, tantos usos e costumes imemorials, tantas mais vontades resistentes, foram empresas que o dr. Caeta-

1923 - 1926

DO "COMERCIO DO PORTO,"

Publicou este jornal a seguinte notícia acerca do falecimento do Dr. Caetano d'Oliveira, que, por ser muito interessante, cheia de verdades e de justiça, pedimos licença para transcrever, tanto mais que sabemos ser da autoria do sr. Bento Carqueja, cujo nome e opinião se impõe à consideração de todos.

Fomos surpreendidos pela tristíssima notícia de haver falecido hontem, repentinamente, em Vila do Conde, onde estava de passagem, o nosso velho e prezadíssimo amigo sr. dr. Caetano Marques d'Oliveira, talentoso medico na Povoia de Varzim e que ali gozava do maior e mais justificado prestigio.

Muito inteligente, muito prestavel, o dr. Caetano de Oliveira tinha o condão de cativar quantos d'ele se aproximavam.

Detado de caracter franco, retratando na fisionomia alegre a pureza da sua alma de eleição, o saudoso extinto distribuia serviços e beneficios, com mãos largas. Não haverá na Povoia muita gente que não deva ao dr. Caetano de Oliveira um obsequio, ou, pelo menos, uma demonstração de estima.

A sua morte representa uma grande perda para a linda terra que ele amou, com extremos de affecto e dedicação.

Ha-de haver muito quem chore o desaparecimento do grande poveiro. As l grimas verdadeiras sobre o seu cadaver não representam apenas saudosa despedida de conterranos: traduzem tambem homenagem de respeito e gratidão a um dos maiores amigos da formosa terra.

Filho de um modesto comerciante da Povoia, o dr. Caetano fez-se a custa da sua intelligencia lucida, da sua vontade inabalavel, da sua generosidade sem limites, do seu trato adoravel.

Foi sub-delegado de saude, director clinico do Hospital da Misericordia da Povoia e interessando-se sempre pelos progressos da sua terra, dos quaes a chave eram as communicacoes ferroviarias, acompanhou muito de perto a Companhia do Caminho de Ferro do Porto á Povoia e Famalicão, de cuja assembleia geral era presidente.

Sempre que lósse necessário pugnar pelo engrandecimento da Povoia de Varzim, lá saia á estacada o dr. Caetano de Oliveira, cujo nome fica esculpido em letras de ouro, ao lado de outros poveiros benemeritos, como Antonio Maria Pereira Azurar e Dr. David José Alves.

Apreciadores, desde longos anns, das peregrinas qualidades do dr. Caetano de Oliveira, e muito lhe queriamos, a noticia da sua morte feriu-nos, pois, profundamente.

A familia do fustre finado, especialmente a seu filho o snr. dr. Caetano Soares de Oliveira, distincto clinico em Lisboa, acompanhamos na sua enorme dor.

Porque O Comercio do Porto muito quer á Povoia de Varzim, não pôde deixar de a acompanhar na justificada dor e nas homenagens que preste ao filio dilecto e prestante que a morte lhe acaba de arrebatá-lo.

Homens da g an l za de Caetano de Oliveira são sempre uma honra para a terra em que nasceram.

O FUNERAL

Foi uma homenagem grandiosissima de saudade a manifestação fúnebre prestada ao grande poveiro sr. dr. Caetano Marques de Oliveira, que a morte fulminou no ultimo sabado.

Bem merecedora era dela o prestante medico, que deixa o seu nome escrito na historia poveira com letras de-ouro, como bem di-

no d'Oliveira, pelo seu prestigio pessoal, pelo seu tacto consumado, com a mão doce e firme, conseguiu levar a bom termo, numa arrancada gloriosa.

Todas as vezes que recordamos com saudade essa geração sem igual na historia da Povoia, as figuras primaciaes no progresso desta terra tanto mais dignos da nossa veneração quanto nos anos seguintes ninguém surgiu que, de longe ao menos, com elles se parecesse em prestigio, em talento, e em amor desinteressado a esta linda terra, não nos esqueçamos de reservar ao dr. Caetano d'Oliveira a grande parte que lhe cabe nessa obra fecunda e progressiva.

Estes factos porem isolados e que eu aponto a correr, tanto quanto me é possível através da perturbação do meu espirito, ainda não traduziam sufficientemente essa energia inexgotavel que durante a vida inteira o dr. Caetano d'Oliveira empregou no progresso desta terra.

O progresso da Povoia, o bom nome da Povoia, o engrandecimento da Povoia, eis a ideia dominante da sua poderosa intelligencia, a paixão dominante do seu coração, a obra de toda a sua vida, a tarefa aleventada de que só os braços da morte o poderiam desprender.

A vida inteira do dr. Caetano d'Oliveira foi um acto continuo da propagação da sua terra.

Propaganda fecunda que ele soube fazer sem insinuações irritantes, sem enxovalhos mesquinhos, sem atropelar direitos, sem negar justiça fôsse a quem fô-se, sem se arrogar ridiculos monopolios de bairrismo e de intelligencia...

Pelo contrario, elle fez a propaganda da Povoia congregando energias, polindo arestas, respeitando intenções, desvanecendo agravos, convencendo de que só da desinteressada colaboração de todos pode provir o verdadeiro e o maior progresso dum povo...

Por isso mesmo é que a sua propaganda foi profunda,—por isso mesmo é que o dr. Caetano d'Oliveira morre sem ter um inimigo, antes provocando um côro unanime de aplausos á grande massa dos seus conterranos, que todos choram com lagrimas sentidas o seu desaparecimento.

Vida tão fecunda foi coroada pela morte mais gloriosa. Deus e o mundo juntaram-se para lhe dar a maior prova de affecto.

O dr. Caetano d'Oliveira morreu, com o coração a transbordar d'alegria, no momento exacto em que a sua consciencia lhe dizia ter prestado mais um assinalado serviço ao progresso da sua terra.

O Senhor da vida e da morte não lhe podia dar melhor paga duma vida de bem-fazer.

O mundo por sua vez não lhe veio empanar o brilho do seu funeral com o halito de palavras ócas ou fementidas...

Pelo contrario, fazendo soar aos seus ouvidos palavras de verdadeiros amigos, e orvalhando-lhe o cadaver com as joias de maior valia, as lagrimas dos pobres, o mundo ofereceu-lhe a maior consagração que lhe podia dar.

Descansa agora em paz grande amigo!

Os teus extraordinarios merecimentos eram dignos de muito maior elogio do que estas miúdas simples palavras podem traduzir.

Não poder eu dizer tudo que me vai n'alma...

Mas as grandes dores como as grandes alegrias encontram no silencio mais do que ha palavra á sua expressão adequada.

Adeus! Enquanto a Providência de Deus me não consente que eu

vá reatar na vida d'alem a amizade que nos ligou na terra, que eu vá gosar a parte mais doce da bemaventurança, qual deve ser, depois da posse de Deus, o reencontro dos entes queridos, entre cujas imagens e os nossos olhos, ora se intrepõe, humilha de lagrimas, a neblina da saudade, eu e todos nós te cercaremos do culto suave da resignada recordação, que cada vez será maior, porque cada vez será mais se hade sentir a tua fida na terra em que vivemos...

LEAL SAMPAYO

PALAVRAS SENTIDAS

Se o homem é grande pela intelligencia, é enorme pelo coração; pois se a intelligencia aperfeiçoa, descobre e cria, só o coração sabe amar, só o coração sabe sentir.

É o Doutor Caetano de Oliveira — a quem Deus chamou, deixando vazio de tal forma o seu lugar, que difficilmente poderá ser preenchido, — possuia em alto grau, não só as faculdades mais belas de intelligencia, como ainda os predicados mais nobres e queridos do coração.

A sua faceta predominante nos sentimentos do coração, era sem duvida, a caridade; essa caridade verdadeiramente christã como elle a praticava, que deve acompanhar todo o medico na fugaz e passageira peregrinação por este mundo de lagrimas, e que faz da sua profissão um apostolado, transformando a medicina em ciencia de bemfazer, na aceção mais larga do termo, quer atenuando as dores do corpo, ou consolando as dores do espirito.

Esse querido morto, cuja memoria admiravel perdurará por muitissimo tempo no espirito dos habitantes justos e honestos desta terra que tanto amou, socorria sempre através de todos os sacrificios,—e sabe Deus quaes grandes foram,—com seu grande saber, sua intelligencia culta, e seu coração generosissimo, todos aqueles que a si recorram aflitos, quer o dia fosse inclemente e tempestuoso, quer a noite fosse negra e fria!

Encurtou-lhe a vida, gastou-lhe o coração tal espirito de sacrificio, tal abnegação?

É certo!

Mas porisso a sua memoria é mais querida; porisso a sua vida é exemplo brilhante, que serve para todos nós, e que servirá de guia aos vindouros que escolham como profissão a arte de curar tão ingrata quaõ cheia de sacrificios.

Outro medico illustre, o Dr. Arnaldo Batista, lhe fez o elogio fúnebre; ninguém o saberia fazer com mais alma, com mais verdade e com mais elevação, podendo em relevo as grandes qualidades do amigo de muit s anos, do colega leal em todos os seus actos, do poveiro bairrista e constante admirador desta terra, e alem de tudo do medico honesto e dedicado até ao sacrificio pelos seus doentes.

Morreu o Dr. Caetano de Oliveira! E se não teve a aumentar-lhe a grandiosidade do funeral, aquelas homenagens officiais que lhe eram absolutamente devidas, tem no entanto — dentro do coração de todos os poveiros justos, e daquelles que tiveram o condão de conhecer de perto, um altar onde a sua memoria é venerada e querida, alumada pela luz do reconhecimento, e acompanhada das bençãos mais sentidas.

Curvo-me respeitoso e triste, perante a memoria saudosa do colega illustre, do amigo dedicado, e do poveiro insigne, pedindo a Deus lhe dê a felicidade eterna.

Abílio de Carvalho.

zila» «Comercio do Porto», o aotavel jornalista sr. dr. Bento Carqueja.

O sr. dr. Caetano Marques d'Oliveira foi durante muitos anos presidente da Camara Municipal, sendo o iniciador da transformação do Bairro Balnear.

Exercia actualmente os cargos de presidente da Comissao local do Instituto de Socorros a Navegadores, era Membro da Comissao de Inictiva da Junta de Turismo, era Medico Municipal e sub-delegado do saude, foi o organisador da Associação Commercial e o seu primeiro presidente, era Presidente da Assembleia Geral da Companhia dos Caminhos de Ferro do Porto á Povoia e Famalicão, era clinico effectivo do Hospital da Misericordia desta vila, tendo feito parte de numerosas comissões de Interesse para o desenvolvimento da Povoia, á qual dedicava um carinho enternecido, auxiliando sempre todas as grandes iniciativas.

O sr. dr. Caetano Marques de Oliveira era casado com a sr.ª D. Estefania Soares de Oliveira, tinha 62 anos de idade e era filho de Caetano Marques de Oliveira e D. Maria Augusta Pinheiro de Assunção, já falecidos e pai do distincto clinico sr. dr. Caetano Marques Soares d'Oliveira. Era cunhado dos srs. dr. Domingos Soares, dr. Franklin Soares e Antonio Gomes Cordeiro, tio dos srs. José Luiz da Costa, Tenente Carlos Cordeiro, Antonio de Oliveira Campos, major Alberto Evaristo Feliz da Costa, Antonio Gomes Cordeiro Junior e primo dos srs. José Eduardo de Sousa Calheiros, David Amorim Alves, Manuel João de Amorim Alves, Jayme Victor Vieira Soares, etc.

Todo o commercio tinha as suas portas cerradas, vindo-se as bandeira da Camara e das Associações a meia haste, enquanto que os sinos das torres da vila dobravam a fimados.

Nas sacadas da Camara Municipal, Associação Commercial e outras casas, estavam collocados largos cortes de crepes negros.

O cadaver do saudoso clinico, com o balandra de irmão da Misericordia, foi piedosamente collocado n'uma rica urna de mogno, com largo lençol, e colchão de moiré, ficando em camara ardente numa das salas da sua habitação, que rapidamente se encheu de coroas, ramos e gerbes, que mãos amigas all levaram.

Entre as muitas que all vimos destacamos as que tinham as seguintes dedicaterias:

«A dedicado poveiro dr. Caetano d'Oliveira» «Creditado da camara municipal» «Ao seu primeiro presidente» «Pretito de homenagem da Associação Commercial» «Homenagem dos pharmaceuticos da Povoia de Varzim» «A memoria do nosso querido presidente, dr. Caetano Marques d'Oliveira — Os corpos gerentes da Companhia dos Caminhos de Ferro do Porto á Povoia e Famalicão» «Ao dr. Caetano d'Oliveira — Saudosa homenagem de Bento Carqueja» «Saudade e gratidão de Silva Couto e Alice Coutos» «A Associação dos Ferroviarios da Povoia ao saudosissimo presidente da assembleia geral da Companhia, como preito sincero, gratido e respeitoso homenagem — Saudade» «Gratidão e respeito do engenheiro consultor, dos chefes e subchefes de serviço e inspectores dos caminhos de ferro P. P. Famalicão» «Saudade de seus sobrinhos, Maria Gabriela e Alberto Evaristo Feliz da Costa» «Com a maior Saudade, de sua irmã Anice Vasconcelos e sobrinha Maria da Conceição» «Ultima homenagem de sua antiga creada Bernardina» «Ultimo adeus de «O Liberal» ao seu saudoso collaborador e amigo» «Saudade de Francisco Maria Guimarães» «Saudade de seus amigos, Quitéria da Silva Castro e José Pereira Simpatos» «Dos seus sobrinhos, Anna Emilia, Moura Teixeira e Basilio Souza Vasconcelos» «D. Carolina Schmitt» «Gratidão dos primos Laura e Jayme Vieira Soares» «Ultima recordação das credas Izabel e Espiridiana» «Respeitosa homenagem das credas: Amélia e Candida» «Ultimo adeus de Maria Pereira Marques» «Como gratidão e sentimento, ultimo adeus de Maria Gomes Dias» «Da familia Vilaça Boas» «Manoel João Gomes d'Amorim e familia» «Ultimo adeus á sua afilhada Alzira» «Muita saudade de Rita de Campos Mattos e filhos» «A Mesa da Misericordia ao seu dedicado dr. Caetano d'Oliveira» «Recordação de Silviana dos Santos» «Ultima saudade de seu amigo Manoel Balbino» «Ultima homenagem da familia Leopoldino A. Rainha» «Pretito de homenagem da familia Calheiros» «Ao seu dedicado amigo e collega, companheiro de sempre, e amigo devoto, saudoso e com tanta simpatia, dr. Arnaldo Baptista e sua filha Maria Amalida» «Respeitosa homenagem da familia Martins da Costa» «Saudosa recordação de seu

A. Jacques, capl.

chilhado Antonio Gomes Garcia, e outros; e os primeiros Maria Alberta e Alberto J. y...

No domingo, pelas 9 horas da tarde, e depois de feita a encomendação pelo digno cura rev Leopoldino Mateus...

Seguiu-se a Associação Commercial com a sua bandeira e outras corporações...

Misericórdia, Plácido Ferreira, Antonio Montenegro, Manoel Ferreira Correia, Antonio Alves de Magalhães...

Quando o feretro passou junto à Camara Municipal, parou em frente ao portão principal...

Conduzia a chave da urna de morto com incrustações metálicas do mais fino gosto...

Quando o feretro passou junto à Camara Municipal, parou em frente ao portão principal...

No templo da Misericórdia, elegantemente decorado com uma luxuosa tarima de talha...

A's 9 horas da manhã desfilou dia principiarom os officios funebres cantados por numerosos ecclesiasticos...

Após os responsos e «Liberames», organisou-se ás 11 horas o sahimento funebre...

Conduzia a chave da urna o sr. Antonio Carvalho, seguindo-se as Associações Commercial, Club Naval Povoense...

Durante o tracto seguiram-se ás borlas do pano de honra os srs. Severino Nunes...

Severino Nunes, Manuel Francisco Bento, João de Silva Bandejas, do Domingos do Campos, dr. João Canavaro...

Dr. Albino Garcia de Carvalho, José da Conceição Marques, João Antonio, Antonio Pacheco Almeida...

Chegado o preste ao emitentio municipal, sempre por entre

das do povo que chorava sentidamente a morte do saudoso povoense, foi cantado primorosamente na respectiva capela o «Memento»...

Após os responsos, falou como colega e amigo o distinto clinico sr. dr. Arnaldo Baptista...

A seguir transcrevemos o seu primoroso discurso:

Duas palavras apenas: simples e despretenciosas como o pensamento que as dita...

Ao abeirar-me deste tumulo, eu tenho unicamente em mira dar cumprimento a um duplo dever...

Como amigo, cumprio o indeclinavel dever d'aqui enviar-lhe o ultimo adeus...

Povoense illustre e dedicado, caracter franco e generoso, sempre pronto á pratica d'um acto bom...

Conduzia a chave da urna de morto com incrustações metálicas do mais fino gosto...

Quando o feretro passou junto à Camara Municipal, parou em frente ao portão principal...

Como é triste o morrer, meus senhores!

Mas a vida é um constante caminhar para a morte.

Num momento deixou de pulsar aquele coração generoso e bom, e o medico illustre...

D'uma dedicação sem limites pelos seus doentes, d'uma rara lealdade pelos seus colegas...

Ainda ha bem poucos dias, meus senhores...

Conduzia a chave da urna o sr. Antonio Carvalho, seguindo-se as Associações Commercial, Club Naval Povoense...

Amigo! Colega e Companheiro de tantos anos!

Que importa que já me não vejas, nem oigas, quando eu venho aqui chorar a tua morte...

No final do seu commovente discurso era enorme o numero de pessoas que tinha os olhos cobertos de lagrimas.

Tambem falou o activo chefe do irafego dos Caminhos de Ferro da Povoá...

da familia, Gomes Amoin, Amorrin Alves

O sr. Bento Carneiro fez-se representar pelo sr. Silva Couto.

O sr. drs. Antonio Silveira e João Vieira Trocado fizeram-se representar pelo sr. dr. Joaquim Garcia.

O sr. Aldeia Andrade fez-se representar pelo sr. Manoel João Amorrin Alves.

O sr. dr. José Graça fez-se representar pelo sr. dr. Joaquim Martins da Costa Junior.

O sr. Joaquim Antonio Cardoso de Almeida entregou ao correspondente de «O Comercio do Porto»...

Carta de Lisboa

E' tempo de se dizer a verdade sem reduções. Isto não vai direito. Estamos a mes e meio do movimento de Braga...

E a culpa desta situação inquietante, desde grande ponto de interrogação apoiado aos destinos do país...

Ha que reconhecer que não tem havido em quem governa o espirito de sequencia e identidade de criterio indispensaveis para agir com firmeza...

Não, isto não puxa certo — deixem-me empregar a expressão popular. Ha incertezas, indecisões e mutações de attitude...

Prometeu-se a gerencia dos negocios municipais de Lisboa ao sr. Martins Junior e depois ao sr. Martins dos Santos...

Ora isso assim não puxa certo. Acedeu-se com mais entusiasmos que prudencia a um convite para assistir a uma conferencia do sr. Cunha Leal...

Na segunda-feira passada, a presidencia do ministerio entregou aos jornalistas uma nota do teor seguinte:

O sr. General Gomes da Costa, presidente do Governo, considerando que a obra do actual ministerio...

Nessa conformidade enviou tres cartas aos titulares do Interior, Estrangeiros e Colonias...

O sr. General Gomes da Costa convidou os srs. dr. Antonio Claro para presidente da junta do Credito Publico...

Fava preencher as vagas que se detam no ministerio foram nomeados os srs. Martinho Nobre de Melo...

Vai de novo ser reorganizado o Ministerio do Trabalho...

Na madrugada de terça-feira a censura cortou a nota da presidencia do ministerio...

Superior? Mas de quem? Eu concordo em que a publicação da nota fosse inconveniente...

porém, ponderada precivamente, de q'ito a não ter de se cortar depois por sordem superior.

E é por isso e por outros factos semelhantes que digo que isto não puxa certo...

Para que um governo se exerça com prestigio e proveito para a Nação — fito a que devem tender sempre os actos de quem governa...

Aliás, isto não puxará nunca certo, creiam-no os Pisões!

De politica não posso, ao fazer desta, escrever nada com segurança, visto que estamos num momento de recomposição...

Uma nota acima transcrita é noticia sufficiente da recomposição ministerial, que se está operando.

Registe-se desde já, como lucro realiado para a nação, a cooperação do sr. coronel João de Almeida no poder.

Como não posso dar noticias seguras de politicas, terminarei com um facto curioso.

Como se sabe, o sr. Gomes da Costa é um amnesico invulgar, que chega a esquecer-se do nome das pessoas que mais perto convivem com ele.

Ha dias foi S. Ex.ª procurador por uma delegação do Gremio de Trabalhadores de Teatro.

Finda a parte officia do caso, o eminente cabo de guerra entreteve 15 minutos de cavaco...

Por fim os homens despediram-se com estas palavras:

—Sr. Presidente, nós pedimos licença para nos retirarmos e o usamos esperar que V. Ex.ª não esquecerá a nossa exposição de hd'pauco.

—Não! —volveu presto e amavel o Chefe do Governo — Não esquecerei de forma alguma e vou recomenda-las com empenho ás estantias competentes...

Lisboa, 6-VII 926. CEPHAS

Lêr na 4.ª pagina:

Comissão Municipal, Regedores de freguezias, Visita dos Scouts a Famalicão, Vida religiosa etc.

Carteira elegante

Partiu na ultima segunda-feira para Melgaço, onde foi fazer uma das suas agoras, o nosso amigo e grande defensor monarquico...

Vindo de Manaus, chegou a esta villa no dia 6, o nosso bom amigo sr. José da Silva Moreira...

A ultima hora

Telegrama recebido hontem ás 19 horas pela «Tradição» Lisboa, 9 ás 16

Esta manhã General Carmona deu o golpe estado, pondo-se frente tropas guarnição Lisboa não encontrando resistencia dirigindo-se Belem para prender Gomes da Costa...

«Epoca»

de o nosso confraterno e assinante sr. Alfredo da Silva Simadas.

Encontra-se nesta villa o sr. dr. Alvaro Abreu, abade de Sant'ago d'Andas, Fátima, irmão do nosso querido amigo sr. Eduardo Abreu...

Insultamento

No domingo ultimo e com muita fidelidade, teve a sua entrega a sr.ª D. Emilia Sampaio Novaes...

A redacção da «Tradição» applica ás suas paginas e todos da interessada creança, as suas felicitações.

Encontra-se doente o nosso hom. amigo e correligionario sr. Manoel Alves da Costa.

Encontra-se no Porto, no Hosp'rio de Santo Antonio, onde deve fazer hoje uma operação...

Indiscretos

Fez anos no dia 9 a sr.ª D. Maria Cascao Linhares, esposa do sr. Antonio Gonçalves Linhares.

Passou no dia 21 o aniversario do nosso amigo sr. Ermes de Almeida. Era pregado comendador e filho do sr. Albino Gomes Leite.

No dia 20, fez anos o menino André, filho do nosso amigo sr. dr. Artur Cunha Araújo...

Completo no dia 26, mais uma primaverã a sr.ª D. Maria Luzia Campelo, genérra filha do nosso amigo sr. João Pedro da Silveira Campos.

Fez anos no dia 1 de julho, o nosso querido amigo e distinto advogado, em comarca de Paullista Paulo Coelho.

